

# MASCULINO-FEMININO: PERSPECTIVAS PSICOLÓGICAS

*Isabelle Ludovico da Silva*

## INTRODUÇÃO

Antes de começar a analisar perspectivas psicológicas, é preciso fazer um breve balanço das mudanças ocorridas na relação masculino-feminino, pelo menos neste século.

Por outro lado, é impossível falar de realidade psicológica sem levar em conta a estrutura social à qual está vinculada, pois há uma relação dialética entre estas duas dimensões, como também entre realidade psicológica e modelo psicológico predominante. A sociedade não apenas define, mas molda a realidade psicológica que, por sua vez, orienta a estruturação social. Toda sociedade fornece um modelo psicológico para preencher o desejo humano de auto-explicação. Assim, os modelos psicológicos correspondem a um determinado tipo de normas sociais, e são tentativas de explicar uma organização da subjetividade. Eles operam na sociedade como profecias que se auto-realizam.

Os norte-americanos, por exemplo, elegeram a psicologia do ego e a psicologia comportamental, as quais reforçam o seu pragmatismo; enquanto a França se encantou com Lacan, que enfatiza a linguagem e a elucubração intelectual. O Brasil deu preferência à parapsicologia sob todas as formas: terapia de vidas passadas, tarô, cristais, pirâmides, em função do seu misticismo.

A vulgarização da psicanálise constituiu um fenômeno social e cultural que teve grandes conseqüências na estruturação do indivíduo. O sociólogo Peter Berger avalia que ela se tornou "uma maneira de compreender o mundo e de ordenar a experiência humana com base nesta compreensão, fornecendo a legitimação científica à manipulação tanto interpessoal como intrapessoal".

O individualismo surgiu no século XVIII com a ascensão do capitalismo que, precisando de um "poupador responsável", investiu na doutrina calvinista da prosperidade. Hoje, o capitalismo avançado necessita de consumidores compulsivos, tendo usado a psicanálise para enfatizar a auto-gratificação. A sociedade de consumo deve regular o desejo do sujeito, e manter a competição por bens simbólicos e relacionais, programados para se tornarem obsoletos e escassos.

Na sociedade capitalista, o ser humano é alienado de si mesmo e dos demais. O psicanalista Chaim apontou que, em 1968, as faculdades de história e sociologia foram substituídas pelas faculdades de comunicação e psicologia, pois o discurso "psi" não ameaça nenhum regime totalitário, na medida em que promove

o individualismo, o narcisismo. Vende a ilusão de viver pelo prazer e favorece a manutenção do status quo. Erich Fromm denunciou o consumismo compulsivo, inclusive de diversão e lazer, e o conformismo desta sociedade psicologizada. Salvo honrosas exceções, como Hélio Pellegrino, que se engajou na política, e Jurandir F. Costa, que denunciou a "cultura do narcisismo" e está empenhado em proletarizar a psicanálise, a psicologia se tornou um instrumento de manipulação e de manutenção da alienação, à serviço do capitalismo selvagem.

A psicanálise enfatizou a separação da esfera pública e privada, o papel da família nuclear e erotizada, a sexualidade da criança e o mecanismo de interiorização da autoridade paterna. O final do século XIX foi marcado pela normalização da saúde, da habitação, da família, e, principalmente, da vida sexual dos sujeitos. É possível citar dois fenômenos característicos: a noção de pecado foi substituída pela noção de patologia, e o que era "ato perverso" virou "personalidade perversa", como, por exemplo, a sodomia se transformando em sintoma de homossexualidade. A confissão da sexualidade é vista como reveladora da personalidade como um todo, precisando ser interpretada por "aquele que sabe", isto é, o médico e, principalmente, o psicanalista, a fim de decifrar a verdade do sujeito. Na escola, a criança não é mais avaliada exclusivamente em função de suas notas, mas, também, em função de seu comportamento social.

No século XX, a regularização visa o imaginário. Vera Socci identifica quatro fatores dominantes dentre as atitudes atuais em relação ao sexo, amor e casamento: mudança do casamento como instituição para o casamento como interrelação e meio de realização social; evolução do papel das mulheres; alterações nas expectativas referentes ao amor e percepção modificada do sexo.

O que significa ser homem ou mulher tende a variar em função de épocas e culturas. Simone de Beauvoir disse: "Não se nasce mulher, torna-se mulher", e, denunciando o machismo das sociedades ocidentais, Benoite Groult completou: "É preciso sarar de ser mulher, não de ter nascido mulher, mas de ter sido criada mulher num mundo de homens".

Como ilustração da herança cristã oriunda da Igreja Antiga, Agostinho afirma: "Homem, tu és o mestre, a mulher é tua escrava, Deus assim o quis". O próprio Agostinho conclui: "A mulher sozinha não é a imagem de Deus; porém, o homem sozinho é a imagem de Deus, tão plena e completamente quanto a mulher junto do homem". Tomás de Aquino, na *Suma Teológica*, complementou: "Como indivíduo, a mulher é um ser medíocre e defeituoso". No Concílio de Mácon, em 485, foi discutido se a mulher poderia ser qualificada como criatura humana. Neste episódio, só foi "concedida uma alma" às mulheres por uma fraca maioria de votos. É necessário reconhecer, no entanto, que o primeiro livro, após a Bíblia, que fala de igualdade entre homens e mulheres foi escrito em 1673, por François Poulain de la Barre, um doutor em teologia parisiense que se converteu ao cristianismo e foi professor de filosofia em Genebra.

## 1 - A IMPORTÂNCIA DAS TEORIAS PSICOLÓGICAS DE FREUD E JUNG

Tendo em vista a importância das teorias psicológicas para a compreensão das categorias masculino e feminino ligadas à elaboração psico-social das diferenças biológicas, examinar-se-á, brevemente, a interpretação freudiana para, em seguida, estabelecer uma análise crítica desta leitura, mediante contraposição com a percepção da teoria junguiana.

### 1.1 - A interpretação freudiana

Para Freud, a mãe tem o papel fundamental de erotizar a criança. Menino ou menina, no entanto, terão motivações diferentes para se desvincular desta primeira relação objetal, ao mesmo tempo forte e ambivalente.

O menino se afasta da mãe por medo de ser castrado pelo pai, o qual ele considera um rival, dirigindo a ele sua hostilidade. O complexo de Édipo se dissolve quando o menino desiste da mãe, identificando-se com o pai, e busca outros objetos amorosos. O homossexual ou perverso mantém a relação ambivalente de pavor e exaltação da mulher pela ausência da função paterna que o deixou à mercê da mãe fálica, todo-poderosa e desejada ao mesmo tempo.

A menina, por sua vez, dirige sua hostilidade para a mãe, afastando-se dela por desapontamento e frustração; desapontamento porque a mãe não lhe deu um pênis, frustração por não ter sido nem amamentada nem amada o suficiente e pelo fato da mãe ter despertado, e depois proibido, a masturbação. Assim, o complexo de castração da menina pode tomar dois caminhos: repulsão à sexualidade e superenfatisação da masculinidade, podendo levar à homossexualidade ou à feminilidade (que consiste em se voitar para o pai). O desenvolvimento da menina se torna complicado quando, desapontada pelo pai, ela retorna à ligação com a mãe.

Muitas vezes, o marido, ao invés de ser o herdeiro da relação com o pai, é o herdeiro da relação com a mãe, que foi o modelo original. Esta teoria permite explicar a razão pela qual existe, no fundo da alma masculina, um desprezo e uma desconfiança pela mulher, que se aliam ao seu desejo não preenchido e ao medo de ser rejeitado. A psicanalista Christiane Olivier aponta que o desencontro entre os sexos se deve à armadilha do amor materno, principal motor da misoginia do homem, que fugirá de qualquer outra simbiose com qualquer outra mulher. Assim, uma mulher cava para a outra a cova da misoginia, verificando-se, neste círculo infernal, a maldição de Gn 3.16b: a mulher não desejada na infância busca, na idade adulta, o desejo e a aprovação do homem. Este, na posição de senhor, aproveita para acertar as contas com a mulher, em memória da mãe. A marca de Jocasta leva a mulher a morrer secretamente quando o homem se afasta um pouco, na tentativa de preservar a sua liberdade; e leva o homem a se imaginar novamente numa cilada, no momento em que a mulher tenta se reaproximar. O que à mulher dá segurança é sentido por ele como algo angustiante.

Segundo a psicanalista Naumi A. de Vasconcelos, o machismo brasileiro foi reforçado pela colonização, quando as mulheres indígenas e negras eram requisitadas para prestarem serviço ao invasor. O impacto desta herança cultural se manifesta na ressonância fenomenal da expressão "filho da mãe", identificada com a expressão "filho da puta". A suspeita intolerável de ser um filho bastardo de uma mãe puta levou o homem a dicotomizar a imagem da mulher em duas representações inconciliáveis: a mãe sublimada (Maria) e as outras mulheres, das quais ele precisa se vingar através da agressividade, que se expressa de forma velada, no cotidiano, ou de forma escancarada, através do estupro (inclusive paternal).

Num primeiro tempo, as mulheres aderiram cegamente à psicanálise, como, por exemplo, Helen Deutsch, que afirma que "a mulher paga seus conhecimentos intelectuais com a perda das preciosas qualidades femininas"; e Marie Bonaparte, que, após uma viagem ao Egito, justificou a mutilação das mulheres através da cliteridectomia, em função de "completar a feminização tirando um vestígio inútil do falo". Inútil para quem? Em nome de quê? Apenas para extirpar o desejo da mulher e impedi-la de dispor de seu próprio corpo, a fim de sujeitá-la ao desejo do homem. Assim, o que deveria ser um prazer compartilhado foi transformado no sinistro "dever conjugal".

É surpreendente quando se descobre a interminável relação de mutilações físicas e psicológicas que acompanham a história da opressão feminina. É surpreendente ouvir os psicanalistas fazerem do medo da castração do menino uma das bases de seu comportamento. Não se pode deixar de pensar no fenômeno da projeção para justificar tal leitura, pois, nenhuma raça, nenhum povo, nenhum grupo de mulheres jamais cogitou castrar os homens. Para Freud, o papel normal da mulher é a submissão, a resignação e o masoquismo; suas características, a histeria, a burrice e a mediocridade. Falando de uma paciente, que investiu no desenvolvimento de seus numerosos talentos, Freud comentou que "(...) quando ela entendeu que não havia lugar para as mulheres no mundo externo, ela começou a manifestar diversos sintomas dos quais só se livrou após se resignar a uma total inatividade."

Aos poucos, as feministas começaram a denunciar "a natureza falocêntrica das teorias freudianas". Karen Horney e Melanie Klein foram as primeiras a mostrar o caráter defensivo da "inveja do pênis". Falar de insuficiência genital para um ser que possui dois órgãos de prazer e também um aparelho reprodutor soou como algo incoerente, bem como o fato de que metade da humanidade deveria se sentir biologicamente inferior à outra metade. O que Freud considerou inferioridade psicológica foi visto como inferioridade histórica e social. Para Freud, o modelo de desenvolvimento do homem é a norma geral. A mulher é o seu desvio. Ele associou feminilidade à passividade, falta de pênis, narcisismo, superego mais fraco, deficiência intelectual, tendências masoquistas, instinto, desejo e prazer, o primitivo, o ilusório, o sensual, o imediato. Enquanto isto, masculinidade foi

associada ao ideal humano, à renúncia, moralidade, saúde mental, intelecto independente, razão, sublimação, possessão de pênis, desenvolvimento da ciência e da cultura. Judith van Herik denuncia este modelo hierárquico, no qual paternidade supera maternidade, masculinidade supera feminilidade e ciência supera religião.

Freud fez uma analogia entre o individual e o coletivo, assimilou patriarcal e civilização. Erich Fromm contesta esta interpretação limitada do mito de Édipo, que, ao invés de denunciar o incesto, revela a rebelião do filho contra a *autoridade paterna na sociedade patriarcal*, pois este é o tema básico das três tragédias de Sófocles.

A luta entre a cultura matriarcal e patriarcal ultrapassa a luta pelo poder, pois visa a supremacia de valores antagônicos: laços de sangue, vínculos de solo, lei natural, amor, aceitação dos fenômenos naturais versus lei do homem, da razão, do esforço para modificar os fenômenos naturais. A cultura matriarcal dignifica a existência e a igualdade, enquanto o sistema patriarcal substitui este princípio por uma ordem hierárquica.

As três tragédias de Sófocles contam a vitória do mundo patriarcal; mas, também, a sua derrota moral, como aponta Paul Tournier em seu livro *A missão da mulher*. Tournier considera que a Renascença foi responsável por um grande evento psicológico, uma escolha: o descrédito do sentimento, em benefício da razão; do corpo, em benefício do intelecto; da pessoa, em benefício das coisas. Mais ainda, houve uma espécie de sufocamento da afetividade, da sensibilidade, das emoções, da ternura, da benevolência, do respeito alheio, do relacionamento pessoal, da comunhão mística... E da mulher, a quem todos estes termos estão ligados por associação espontânea de idéias. As mulheres foram sistematicamente impedidas de ingressarem no mundo do saber.

O movimento feminista lutou, num primeiro momento, pela igualdade de direitos com os homens. Só recentemente alcançou a auto-estima suficiente para promover a afirmação de valores "femininos" antagônicos ao capitalismo.

Caio Fábio d'Araújo Filho reconhece que os excessos do feminismo são proporcionais aos excessos do machismo. Maria Clara Bingemer pontua que as teólogas do Terceiro Mundo já começaram seu itinerário na esteira do caminho aberto pelas feministas do Primeiro Mundo, o que as libertou da necessidade de uma contraposição aos homens, motivando-as a com eles desenvolverem uma *relação, nem sempre fácil, de companheirismo, para poderem se debruçar sobre problemas mais urgentes, como o da pobreza, e, mais exatamente, da feminização da pobreza*. Caberia, aqui, analisar a evolução destas relações e as etapas percorridas nas quais o príncipe encantado virou sapo, para, finalmente, ser aceito como pessoa real; enquanto a mulherzinha se tornava "super-mulher" antes de a si mesma poder se aceitar, com suas ambivalências e conflitos.

É certo que a emancipação da mulher leva à emancipação do homem, que perde uma escrava, mas reencontra uma companheira, na cumplicidade, na ternura, na mútua estima. Após ter confundido a sua identidade com a sua função de

mãe, e, posteriormente, com seu desempenho profissional (já que a sociedade tende a definir homem e mulher por aquilo que fazem, obrigando-os a contruírem suas identidades em função dos papéis sociais que lhes são atribuídos), a mulher quer, hoje, ser reconhecida por aquilo que ela é, através da restauração de valores femininos como intuição, perspicácia e imaginação. Paul Tournier incentiva a mulher a cumprir sua missão de contribuir com seus dons e talentos específicos, para que se caminhe à re-humanização do mundo e ao reequilíbrio da sociedade atual, através da prioridade das pessoas sobre as coisas.

### 1.2 - A interpretação junguiana

No entanto, a proposta de a mulher ser reconhecida por aquilo que ela é continuaria mantendo a dicotomia que enquadra o eros da mulher de forma que a esta deva sentir para que o homem possa pensar.

Esta divisão rígida e empobrecedora de papéis poderia ser superada através de uma leitura que abrangesse, de maneira mais marcante, a psicologia junguiana, que mostrou a necessidade da integração, em cada indivíduo, do masculino e do feminino. Para Jung, a realidade surgiu da oposição de categorias. O Verbo ou Logos separou a noite do dia, a terra da água... Mas, a noção de campo permite a reintegração de opostos. O homem é o princípio de diferenciação, enquanto o feminino é o princípio de agregação.

O homem entra no mundo da fantasia através da *anima*, enquanto a *mulher entra na realidade pelo animus*. O processo de desenvolvimento ou individuação consiste em ordenar o consciente e o inconsciente em torno do *self*, que é o núcleo central da psiquê. O processo se dá através da conscientização da sombra, bem como do *animus*, pela mulher, e da *anima*, pelo homem. O *anima* é o arquétipo do feminino no homem, o ideal de mulher que o homem procura, sua parte feminina. O caminho de individuação da mulher se dá pela separação da mãe, através da identificação com o pai.

A relação afetiva com a mãe é fundamental para a estruturação do ego da criança. Sua evolução ocorrerá naturalmente a partir da relação com o meio. Jean Shinoda Bolen, em seu livro *As deusas e a mulher*, afirma que a jornada de individuação, a busca psicológica da integridade, que significa completude e não deve ser confundida com perfeição, resulta na união dos opostos, o acasalamento interior dos aspectos masculino e feminino da personalidade, que podem ser simbolizados pela imagem oriental de *yin* e *yang*, contidas dentro de um círculo. Trata-se de unir o eros e o logos.

Mas, toda mudança é acompanhada de uma morte psicológica, ligada a uma dupla perda: perda do padrão de relacionamento em si e perda deste padrão como fonte de identidade. Esta morte na relação entre homem e mulher atinge aspectos de nós mesmos, papéis, posições anteriores. Toda morte requer luto e despedida.

Jung escolheu as palavras *animus* e *anima* porque *animare* significa

avivar; trata-se, de fato, de um guia ou psicopompo, que desempenha uma função vivificadora de mediação entre o consciente e o inconsciente, o psíquico e o espiritual, o ego e o self (que é andrógino). A *anima* e a *sombra* ignorada são projetadas e parecem estar fora de nós. Mitos e contos de fada trazem personificações de diferentes aspectos do arquétipo masculino e feminino. John Stanford considera que *anima* e *animus* são parceiros invisíveis presentes em todos os relacionamentos humanos; pois, embora as expectativas culturais e sociais e os papéis atribuídos a cada um dos sexos influenciem as maneiras como os homens e as mulheres vivem suas vidas, existem, no entanto, padrões psicológicos arquetípicos subjacentes.

O ego se identifica com a qualidade masculina ou feminina do corpo, a *anima* e o *animus* se transformam em uma função do inconsciente. A paixão é cega porque se nutre de projeções, não resistindo ao teste da realidade. As projeções positivas podem se tornar negativas, provocando atrações e repulsões extraordinárias entre homens e mulheres. A projeção, em si, não é boa nem má; o que se faz com ela é que deve ser levado em conta. Dante transformou seu encontro com a *anima*, cujo resultado recaiu sobre Beatriz, numa obra sólida e criativa (*A Divina Comédia*). O general Marco Antônio, seduzido por Cleópatra, perdeu sua personalidade. A diferença é que Dante percebeu que se tratava de uma figura de sua própria alma.

Os efeitos negativos da *anima* e do *animus* são relacionados com a falta de percepção e com a desvalorização, por parte do homem, de seu lado feminino; por parte da mulher, de seu lado masculino. A *anima* negativa tem os traços de uma bruxa ou de uma megera. Ela pode ser personificada pelas sereias, que dilaceram a consciência masculina e deixam o homem à mercê de suas paixões sexuais. Quando estas figuras arquetípicas se acham relacionadas com a consciência, seu lado positivo tende a se manifestar.

Jung observou que a *anima* negativa tende a intensificar e falsificar todos os relacionamentos emocionais. O antídoto para o homem consiste em saber o que está sentindo e tornar-se capaz de expressá-lo no relacionamento. Quando um homem está possuído pela *anima*, sua objetividade fica quase totalmente perdida num mar de opiniões irracionais e emocionalmente mescladas. A *anima*, experimentada como uma depressão, pode dominar um homem exatamente quando ele pensa estar no ápice de sua carreira masculina, pois ela é a imagem viva do fracasso do homem em lidar com o outro lado de sua vida: o lado feminino, o lado espiritual, o lado da alma. Se ela for considerada, ela pode ser transformada em aliada; mas, se for evitada, ela se tornará cada vez mais forte. Assim, um homem "bem sucedido" pode ser controlado por fantasias sexuais compulsórias.

Mesmo quando a *anima* apresenta um aspecto negativo, ela tem a função positiva de trazer o homem de volta ao seu caminho de plenitude e de desenvolvimento espiritual. Em seu livro *He*, Robert Johnson identifica o mito do Graal com a luta travada pelo homem para se tornar consciente de sua feminilidade interior

e relacionar-se com ela(21). Em seu livro *She*, ele aponta o conflito da mulher na colisão de duas naturezas intrínsecas: Afrodite, a fêmea; Eva (e Psiquê), a santa, Maria. A **anima** desperta o eros do homem e o obriga a aceitar e lidar com suas emoções. Se não for respeitada, ela distorce suas percepções emocionais e o torna escravo de seus humores e de suas paixões. O **animus** pode ser identificado com o logos; mas, quando possui uma mulher, passa a ser destruidor dos relacionamentos humanos e dos valores do eros. Ele age como perseguidor e juiz, consegue incutir sentimentos de culpa, inferioridade e fracasso, através de críticas e opiniões destrutivas. Entretanto, se for respeitado, ele traz coragem, poder de discriminação, objetividade e capacidade para focalizar sem perder a noção do todo.

Assim, o/a parceiro/a representa algo que o ser humano necessita para a compreensão a respeito de si mesmo.

Os **Parceiros Invisíveis** acrescentam um nível (dimensão) muitas vezes desprezado ou despercebido na escolha dos parceiros na vida. É justamente o lado obscuro da **anima** e do **animus** que pode recolocar o ser humano em seu caminho de plenitude e suscitar uma nova evolução psicológica. Para o homem, isto pode significar um respeito renovado pelo mundo do coração, pelos relacionamentos, pela alma, pela busca de sentido. Para a mulher, pode significar uma caminhada renovada para o mundo do espírito, da compreensão, para sua missão além da família, com o reino de Deus.

Homem e mulher são chamados a retirar as projeções da **anima** e do **animus** de seres humanos reais. O homem, pela **anima**, é forçado a ter consciência do seu lado afetivo. Ele precisa vencer seu orgulho pela sua inteligência, para ter acesso a sua intuição. Para lutar contra os julgamentos negativos do **animus**, a mulher precisa conhecer e valorizar aquilo que é verdadeiramente importante para ela, inclusive a sua feminilidade.

O processo de individuação se dá mediante dois processos entrelaçados: desenvolvimento e amadurecimento pela relação com os arquétipos, visando o equilíbrio entre as quatro funções do ego: pensamento e sentimento, sensação e intuição. A **anima** e o **animus** permitem resgatar a criatividade, ao invés de repetir padrões culturais estereis.

A noção de arquétipo pode adquirir uma roupagem cultural que permite uma reflexão contextualizada. No caso do Brasil, Herbert Unterste identificou Iemanjá como arquétipo da mulher. Como doadora de peixes, ela é mãe da vida, mas, como mar furioso, ela é a mãe da morte. Presente no espiritismo, Iemanjá é incorporada ao catolicismo, na imagem dicotomizada de Eva e Maria. Iemanjá é também a deusa do amor, a sereia voluptuosa e sedutora. A ambivalência da figura remete à luta entre o eu consciente e o eu inconsciente. Nos contos de fada europeus, o herói geralmente vence; mas, na América Latina, não existe príncipe vencedor. Também na lenda de Iemanjá, o herói morre tragicamente nos braços da "grande mãe".

Homossexualidade e dom-juanismo são, segundo Jung, as conseqüências

---

típicas deste complexo-mãe acima descrito. Na homossexualidade, o componente heterossexual está fixado, de forma inconsciente, na mãe; no dom-juanismo, procura-se a mãe em cada mulher.

O machismo é a expressão latino-americana do dom-juanismo. A polarização sistêmica do feminino e a hipertrofia do materno coincidem com a "santidade" da família patriarcal, enquanto o homem se identifica com o aventureiro, com o bandeirante conquistador de terras. Assim como o dom Juan conquista, atraiçoa e abandona as mulheres; o bandeirante conquista, explora e abandona as terras, numa espécie de revolta interior contra os aspectos mais avassaladores do complexo materno. A conscientização destes aspectos poderia levar a um questionamento do modelo de desenvolvimento econômico da sociedade atual, bem como a uma ocupação mais racional da terra.

## CONCLUSÃO

A nova filosofia, que começou a tomar forma na década passada, diagnostica a crise da sociedade ocidental hodierna como decorrente de uma visão do mundo fragmentada e excludente. A ciência já foi forçada a romper com o pensamento cartesiano, racional e analítico, para conseguir entender o universo das partículas sub-atômicas. Numa reunião recente, patrocinada pelo CNPQ, cientistas do mundo inteiro concluíram que "(...) conceitos como espírito, intuição e emoção, terão que ser incluídos na visão ocidental do mundo, caso a civilização moderna quiser superar a profunda crise em que se encontra, na qual se misturam inflação, desemprego, contaminação dos alimentos, desastres ecológicos e violência social crescente, múltiplas facetas de uma crise única: uma crise de percepção."

O sagrado é percebido através da intuição, da sensibilidade, da empatia... Qualidades tidas como essencialmente femininas. Isto não significa que somente as mulheres têm acesso ao sagrado, mas que este acesso requer, por parte das mulheres, o resgate de sua feminilidade associada à capacidade de compreensão; e, por parte do homem, a integração de sua alma.

A nova dinâmica da relação entre homem e mulher se descobre através do exercício conjunto da liberdade, o que se evidencia na dialética aprender-ensinar, vivência-elaboração, mudança-tradição, vida interior-partilha, individualização-intimidade, público-privado, emoção-razão, solitude-solidariedade, objetivo-subjetivo, individual-social.

A restauração encontrada em Cristo não é restauração de direitos, mas do ser e da relação, na identificação da Imago Dei no/a outro/a, o que conduz à liberdade do desejo de monopolização da imagem. A Imago Dei se manifesta na autoridade para cumprir o mandato cultural que torna as pessoas solidárias. O pecado original não foi sexual, mas moral; motivado pelo desejo de ser igual a Deus, o qual se transformou numa luta pelo poder, também entre homem e mulher.

A relação é restaurada quando o desejo de se impor pela força ou de

seduzir é transformado pelo desejo de servir um ao outro, para a glória de Deus.

#### **BIBLIOGRAFIA**

- 1-Peter BERGER. *Para uma compreensão sociológica da psicanálise*. S. A. FIGUEIRA (org.) *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- 2-J. BOLEN. *As deusas e a mulher*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- 3- M. COLASSANTI. *E por falar em amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- 4-Caio Fábio D'ARAUJO. *A mulher no projeto de Deus*. Rio de Janeiro: Vinde, 1986.
- 5-Caio Fábio D'ARAUJO. *Cantares*. Rio de Janeiro: Vinde, 1987.
- 6-C. DOWLING. *O complexo de Cinderela*. São Paulo: Melhoramentos, 1981.
- 7-Esther HARDING M. *Os mistérios da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- 8-S. A. FIGUEIRA. *Uma nova família? Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- 9- Michel FOUCAULT. *História da sexualidade*. São Paulo: Graal, 1979.
- 10-V. FRANKS e M. A. BURTLE (ed.) *Women in therapy: new psychotherapies for a changing society*. Nova Iorque: Brunner Mazel, 1974.
- 11-N. FRIDAY. *Minha mãe, meu modelo*. Rio de Janeiro: Record, 1977.
- 12- E. FROMM. *A linguagem esquecida*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- 13- E. FROMM. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- 14-B. GROULT. *Ainsi soit-elle*. Paris: Grasset e Fasquelle, 1975.
- 15-A. GUGGENBUHL-GRAIG. *O casamento está morto, viva o casamento*. Editora Símbolo, 1980.
- 16- S. HITE e K. COLLERAN. *Bandidos, mocinhos e outros amantes*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- 17-R. JOHNSON. *He, She*. São Paulo: Mercuryo, 1987.
- 18-M. LANGER. *La mujer: sus limitaciones y potencialidades. Cuestiones 2*. Havana: Grancia, 1973.
- 19-T. C. NEGREIROS. *Crises vitais da mulher: Conflitos psicológicos e sociais*. In: G. BONDER. *El impacto de los estudios de la mujer en la psicología*,

---

1989.

- 20- De 68 a 89: as três fases de Eva. *Jornal da PUC*. Rio de Janeiro, 1989.
- 21-S. NEVES. **Homem-mulher e medo: Metáforas da relação homem-mulher**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- 22-C. OLIVIER. **Os filhos de Jocasta**. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- 23-N. ROGERS. **A mulher emergente**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- 24-V. SOCCI. **Elaboração e validação de uma escala de atitudes com relação ao sexo: raízes históricas**. São Paulo: USP, 1983.
- 25-P. TOURNIER. **La mission de la femme**. Paris: Delachau e Niestlé, 1979.
- 26- J. Van HERIK. **Freud: on feminity and faith**. Berkeley: Univ. of California Press, 1985.
- 27-J. O. PENNA. **Don Juan e o bandeirante brasileiro**. e H. UNTERSTE. **Iemanjá e o complexo de mãe do brasileiro**. *Revista Planeta*, número especial.